



AS NARRATIVAS DOS ESCRITORES(AS) INDÍGENAS

Damiana Pereira de Sousa

RESUMO

A forma como os povos indígenas se comunica com a sociedade nacional ganha uma nova força – a escrita. No decorrer do tempo os povos indígenas utilizavam apenas a oralidade para transmitir suas culturas de geração em geração. A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, autoafirmação étnica de denúncia de diversos tipos de espoliações e de registro da cultura das mais diversas etnias. Nesse sentido, o foco que se apresenta nessa pesquisa é investigar as narrativas dos escritores (as) indígenas, sobretudo as obras de Eliane Potiguara e Julie Dorrico, mulheres de escrita potente e que representam a força da palavra escrita por mulheres indígenas, mulheres que são apagadas, exploradas e violentadas no contexto em que estão inseridas. Procura-se compreender como e se a atuação, por meio da produção literária, tem reverberado em conquistas políticas para a luta dos povos indígenas do Brasil. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com base na literatura revista acerca dos temas anunciados, leitura de obras de autores (as) mencionados (as), visita a sites, blogs e páginas que apresentam informações e dados sobre a temática. Além de participação em seminários, lives e leitura de entrevistas com os expoentes da Literatura indígena contemporânea.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Literatura Indígena. Escrita de Eliane Potiguara e Julie Dorrico.

THE NARRATIVES OF INDIGENOUS WRITERS

ABSTRACT

The way indigenous peoples communicate with national society gains new strength – writing. Over time, indigenous peoples used only orality to transmit their cultures from generation to generation. Indigenous Literature contributes to the self-assertion of indigenous traditions and culture, ethnic self-assertion of denouncing different types of dispossession and recording the culture of the most diverse ethnic groups. In this sense, the focus of this research is to investigate the narratives of indigenous writers, especially the works of Eliane Potiguara and Julie Dorrico, women with powerful writing and who represent the strength of the written word by indigenous women, women who are erased, exploited and violated in the context in which they are inserted. It seeks to understand how and if the performance, through literary production, has reverberated in political achievements for the struggle of indigenous peoples in Brazil. This qualitative research was developed based on the revised literature about the announced themes, reading works by mentioned authors, visiting websites, blogs and pages that present information and data on the subject. In addition to participating in seminars, lives and reading interviews with exponents of contemporary indigenous literature.

Keywords: Geography; Literature; Indigenous Literature; Writing by Eliane Potiguara and Julie Dorrico;

LAS NARRATIVAS DE LOS ESCRITORES INDIGENAS

RESUMEN

La forma en que los pueblos indígenas se comunican con la sociedad nacional adquiere una nueva fuerza: la escritura. Con el tiempo, los pueblos indígenas utilizaron solo la oralidad para transmitir sus culturas de generación en generación. La literatura indígena contribuye a la autoafirmación de las tradiciones y culturas indígenas, la autoafirmación étnica al denunciar diferentes tipos de despojo y registrar la cultura de los más diversos grupos étnicos. En este sentido, el foco de esta investigación es indagar en las narrativas de escritores indígenas, especialmente las obras de Eliane Potiguara y Julie Dorrico, mujeres con escritura poderosa y que representan la fuerza de la palabra escrita por mujeres indígenas, mujeres que son borradas, explotadas y violadas en el contexto en el que se insertan. Busca comprender cómo y si la actuación, a través de la producción literaria, ha repercutido en logros políticos para la lucha de los pueblos indígenas en Brasil. Esta investigación cualitativa se desarrolló a partir de la literatura revisada sobre los temas anunciados, lectura de trabajos de los autores mencionados, visitas a sitios web, blogs y páginas que presentan información y datos sobre el tema. Además de participar en seminarios, entrevistas en vivo y de lectura con exponentes de la literatura indígena contemporánea.

Palabras-clave: Geografia; Literatura; Literatura indígena; Escrito por Eliane Potiguara y Julie Dorrico;

INTRODUÇÃO

Com base em estudos realizados por intelectuais, tais como Chaveiro (2015), Lima (2016), Graúna (2003), entre outros, constata-se a relevância de pesquisas geográficas sob a mediação ativa da Literatura. Observou-se também que compõem essa vertente, trabalhos com as populações indígenas. Assim, a temática do presente estudo envolve tais povos e suas causas, tratando especificamente da Literatura realizada por indígenas. Desse modo, pode-se constatar que há estudos recentes que visam mostrar as possibilidades de aproximação entre Geografia e Literatura. Sendo assim, tais estudos apontam que essa aproximação ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço. Através do diálogo podem promover um aprofundamento das interpretações sobre a realidade.

A presente pesquisa visa, de modo geral, investigar as narrativas dos escritores (as) indígenas, especificamente as obras de Eliane Potiguara e Julie Dorrico. A escolha por essas autoras se deu pelo fato de demonstrarem potência poética em suas obras, ou seja, demonstram a força da palavra escrita em prol das lutas dos povos indígenas do Brasil, sobretudo das mulheres indígenas, mulheres que, infelizmente, ocupam a ponta dos maiores índices de violência e estupro no Brasil.

Buscou-se também analisar como a Literatura produzida pelos autores (as) indígenas reverbera em contribuições para suas causas. Nesse sentido, o problema da pesquisa consiste em responder a seguinte questão: as narrativas indígenas estão reverberando em conquistas políticas para esses povos? E para responder a essa questão pode-se recorrer a outros questionamentos, tais como: o que os escritores (as) indígenas, sobretudo Eliane Potiguara e Julie Dorrico pretendem com suas obras? Essas literaturas são mais uma maneira dos povos indígenas resistirem? Tem reverberado em resultados?

As reflexões ensejadas evidenciam a necessidade de conhecer as escritoras indígenas foco da pesquisa. Eliane Lima dos Santos, conhecida por Eliane Potiguara é uma escritora, poeta, ativista indígena e contadora de histórias, nascida em 29/09/1950, na cidade do Rio de Janeiro, bisneta do guerreiro paraibano e potiguara Chico Solón de

Souza. Em 2005 foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz pelo Projeto Mil Mulheres pela Paz. É formada em Letras e Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É fundadora da Rede de Comunicação Indígena (Grumin). Participou por anos da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas na Organização das Nações Unidas - ONU, em Genebra e foi premiada pelo Pen Clube da Inglaterra pelo seu livro *A Terra é a mãe do índio*, publicado em 1989.

Julie Dorrico é doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, escritora e pesquisadora da Literatura Indígena. É autora do Livro *Eu Sou Macuxi e outras histórias* publicado pela editora mineira Caos e Letras em 2019. Tais autoras atuam ativamente em palestras, seminários, lives no instagran, facebook, googlemeet e outras plataformas digitais nas quais ressaltam o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

Desse modo, deve-se apontar algumas hipóteses para as questões levantadas. Sobre a questão se a Literatura Indígena está reverberando em conquistas para esses povos, afirmamos positivamente, pois autores (as) como Eliane Potiguara, Julie Dorrico, Márcia Kambeba, Célia Xakriabá, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, KakaWerá, entre outros (as), usam da escrita visando manter vivas suas tradições, seus costumes, suas crenças, seus mitos. São autores (as) militantes. Potiguara, inclusive, volta seus escritos para três temas centrais, a mulher, a terra e a ancestralidade. Destaca as mulheres, sobretudo as mulheres indígenas, para que essas enxerguem seu lugar na sociedade e que lutem pelos seus direitos.

Lima (2016) aponta que a escrita indígena é um instrumento que carrega em si potência de visibilizar situações silenciadas pela empresa colonizadora. A autora destaca o pensamento de Eliane Potiguara, pois essa escritora indígena faz uma profunda reflexão sobre sua inserção no mundo. “Já nasci predestinada a pertencer a uma estatística esmagadora de pobres e excluídos social e economicamente no mundo”. Ou seja, a escritora que é indígena, mulher, migrante, mãe, brasileira chama atenção para as mazelas que não são só suas.

A autora divulga por meio de sua escrita o movimento peculiar de vários povos indígenas do Brasil, isto é, o uso da palavra escrita como forma de luta política e de registro da cosmovisão e memória ancestral dos povos originários que forma o território brasileiro. Conclui-se, que os livros abrem portas para esses autores (as) falarem de seu povo e criticar a sociedade dominante.

As narrativas dos escritores (as) indígenas

A Literatura Indígena brasileira contemporânea, literatura de autoria indígena ou literatura nativa. As várias denominações fazem referência ao mesmo tema: a produção escrita de autores (as) representantes dos povos originários do Brasil. Segundo estudos recentes, essas narrativas são bastante crescentes. De acordo com Julie Dorrico, em entrevista concedida ao site Literatura RS em 2019, a Literatura indígena brasileira contemporânea é um movimento literário que surge em 1990. Esse movimento se caracteriza no cenário atual por sua autoria coletiva e individual. Vale ressaltar que até a década de 1990, era raro encontrar obras publicadas que carregassem na capa ou na ficha catalográfica o nome de algum sujeito indígena. A autora destaca que em 1980, já existia esse desejo de autoria pelos sujeitos indígenas. Desse modo, observa-se algumas obras publicadas, por exemplo, em 1975 Eliane Potiguara escrevia o poema Identidade Indígena.

Esse movimento literário, conforme Dorrico, surge primeiro nas aldeias, com a autoria coletiva, a partir da educação escolar indígena, direito assegurado na Constituição Federal, de 1988, graças à luta de lideranças indígenas brasileiras, como Ailton Krenak. A autoria coletiva é uma produção realizada por alunos e professores indígenas, visando produzir materiais didáticos voltados para a comunidade indígena. A autoria individual ganha fôlego com as publicações de Daniel Munduruku Histórias de Índio (1996), Kaká Werá Todas as vezes que dissemos adeus (1994 1ªed, 2002), ou seja, Kaká Werá e Daniel Munduruku são os pioneiros, idealizadores desse movimento literário.

Conforme levantamento bibliográfico realizado por Daniel Munduruku, Aline Franca e Thúlio Dias Gomes, intitulado Bibliografia das Publicações Indígenas no

Brasil, é possível identificar, na autoria individual, cerca de 60 autores no total, sendo 11 mulheres, contabilizando 22 povos.

Observa-se, assim, que a Literatura Indígena se insere nessa dinâmica ampla de ativismo e engajamento de minorias historicamente invisibilizadas, marginalizadas e massacradas na sociedade brasileira. Ou seja, esses autores (as) assumem uma postura pública, cultural e política de luta e resistência. Assim, verifica-se que a visibilidade desses autores (as), vem ajudando a romper com estereótipos e perceber que os povos nativos são capazes de produzir textos com valor literário.

Nesse sentido, para compreender as narrativas indígenas, deve-se atentar para os tipos e as funções dos narradores. Lima (2013) sugere um quadro em sua tese de doutorado, o qual mostra exatamente os tipos e as funções dos narradores nas obras escritas por indígenas. Esse quadro a autora construiu com base em Friedman (2002).

Em síntese, os tipos de narradores são: narrador onisciente intruso, narrador onisciente neutro, narrador testemunha, narrador protagonista, onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, modo dramático e modo câmera. O autor reitera que onisciência seletiva significa um ponto de vista totalmente inusitado, difícil de controlar. Nesse tipo de narrativa, o narrador fala em primeira pessoa ou em terceira. Na narrativa, a qual o narrador é onisciente intruso ocorre ausências de intromissões diretas autorais e o narrador fala em terceira pessoa. Como características do narrador testemunha pode-se destacar, conforme o autor, é negada qualquer voz direta do autor, isto é, o narrador testemunha é uma personagem com o próprio direito dentro da história, mais ou menos envolvido na ação.

O narrador protagonista se caracteriza por assumir a responsabilidade pela narração, está centralmente envolvido na ação e narra em primeira pessoa. Já a onisciência seletiva múltipla some qualquer espécie de narrador, ou seja, o leitor escuta ninguém, a história vem diretamente da mente dos personagens. O modo dramático, Friedman (2002), caracteriza como o estado mental com a eliminação do narrador, o leitor houve as próprias personagens, que se movimentam como se estivessem em um palco, nunca há indicação sobre o que as personagens percebem, pensam ou sentem e produz na mente do leitor um momento de revelação. E por fim, o autor caracteriza o

modo câmera, que transmite em seleção, organização aparente, da maneira como há o acontecimento.

Observa-se, a partir da síntese das instâncias narrativas de Friedman que a obra Sabedoria das águas (2004) de autoria de Daniel Munduruku, por exemplo, ocorre em dois tempos, passado e presente. O presente é narrado por um narrador onisciente intruso, pois nenhum personagem conta a história e o passado do protagonista. Lima (2013) reforça que uma informação fundamental para a análise de obras literárias indígenas é reconhecer as características do narrador, pois pode revelar não só a arquitetura da obra, mas também a subjetividade das personagens. Isso, conforme a autora significa que a identificação e a posição das instâncias narrativas é um meio para se conhecer ou intuir as subjetivações presentes na história, tanto em relação à personagem protagonista quanto aos demais personagens.

Lima (2013) reitera que em uma narrativa de estrutura simples, quase sempre o narrador é em terceira pessoa e se constitui no narrador que comanda o enredo, isto é, naquele que sabe tudo que vai acontecer, mas não se intromete diretamente na narrativa. Já o narrador protagonista, apresenta-se em primeira pessoa, o que corrobora na subjetividade do narrador-personagem. É possível, assim, perceber as angústias das personagens, os medos, a solidão. As obras Metade Cara, Metade Máscara (2004) e a Cura da Terra (2015) de Eliane Potiguara, evidenciam tais características, pois observa-se o sofrimento, o medo, o choro e as angústias das mulheres indígenas desterritorializadas.

Esses tipos e funções das narrativas, segundo Lima (2013), ajudam nas possíveis análises das obras produzidas pelos autores e autoras indígenas, sobretudo no que constitui as subjetividades das personagens.

Feita essas considerações, deve-se se atentar para os objetivos desta pesquisa. Trata-se de mostrar se o movimento dos escritores (as) indígenas tem reverberado em conquistas para as pautas indígenas e discutir o cenário da literatura indígena no atual contexto brasileiro. Demonstrou-se que essa literatura tem reverberado sim, em conquistas para esses povos, que embora, pressionados, precarizados em seus modos de vida, agem, lutem e escrevem. Povos que, sofreram e sofrem três tipos de violências

estruturais, isto significa, violência física, violência sobre suas terras e territórios e a violência simbólica e cultural (epistemicídio), no qual observa-se uma das maiores atrocidades – o extermínio de suas línguas.

As pressões sobre os povos indígenas do Brasil surgem de todos os lados, mineradoras, garimpeiros, madeireiros, grileiros, projetos de construção de usinas hidrelétricas, ação do agronegócio, processo de urbanização adjacente às aldeias, à intoxicação dos rios e a redução da biodiversidade, entre outras ameaças. Segundo o último relatório divulgado pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI, os dados de 2019, apontam um aumento alarmante nos índices de violência contra as populações indígenas que residem no território brasileiro. Tais dados apontam uma realidade extremamente perversa e preocupante. Houve intensificação das expropriações de terras indígenas, forçadas na invasão, na grilagem e nos loteamentos ilegais, ameaças, conflitos, descasos no atendimento à saúde e à educação, consolidando-se de forma rápida e agressiva em todo o território nacional, causando uma destruição inestimável.

Diante desse cenário sombrio, a literatura, de acordo com Almeida (2009), contribui para a conservação e a transmissão de suas histórias. Ao se constituir em voz de questionamentos e ir contra o discurso hegemônico direcionado aos povos indígenas, é possível perceber uma nova configuração identitária. Contudo, deve-se resgatar sinteticamente a luta dos povos indígenas do Brasil.

As lutas dos povos indígenas do Brasil

É pertinente, inicialmente apresentar sucintamente um pouco da história dos povos indígenas do Brasil e para esta finalidade utiliza-se do pensamento de Darcy Ribeiro (1922-1997), grande pensador social, militante político, antropólogo brasileiro e notório estudioso das populações indígenas do Brasil.

Ribeiro (1995) constata que a civilização europeia se impôs sobre as populações indígenas, primeiro, dizimando-os através de doenças e depois através de guerras de extermínio e escravidão. Porém, essa forma, segundo o autor, foi apenas os primeiros passos do extermínio genocida, etnocida e epistemicida. O autor aponta que os colonizadores usaram os indígenas como guias, remadores, lenhadores, caçadores,

pescadores, criados domésticos, entre outros trabalhos. Isto significa que, os colonizadores enxergavam os indígenas como mão de obra que precisavam.

O autor reitera que a resistência indígena pode ser considerada umas das mais longas e mais sangrentas lutas que já se travou no território brasileiro. Ailton Krenak, em entrevista para o documentário *Guerras do Brasil* disponível na plataforma streaming Netflix confirma esses apontamentos de Ribeiro (1995), pois declara que os povos indígenas e a sociedade envolvente permanecem em guerra.

Ribeiro (1995) evidencia as terríveis situações as quais foram submetidos os indígenas durante o processo de colonização. Diante da invasão europeia, os indígenas defenderam até o limite possível seu modo de viver, pois perceberam que a submissão aos invasores representava sua desumanização, sendo denominados como bestas de carga.

Potiguara (1989) relata a degradação biológica, psicológica, social e econômica, as quais os indígenas sofreram e ainda sofrem dos seus opressores. A autora evidencia que, diante de tanta opressão e discriminação os povos indígenas do Brasil não tiveram outra opção, assim, a resistência foi o único jeito que encontraram para continuar existindo. No entanto, mesmo enfrentando, coronéis, bandeirantes, fazendeiros, muitos povos foram brutalmente exterminados. A autora destaca a visão que a sociedade dominante tem até os dias atuais sobre esses povos, ou seja, que são povos “vadios”, “preguiçosos”, “incapazes”, “inferiores”, entre outros estereótipos.

Contudo, observa-se, claramente, o etnocentrismo que revigorava nos primeiros séculos da colonização. Sabe-se que o etnocentrismo é um conceito antropológico que “consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo os demais universos culturais” (Carvalho, 1997, p. 181). Nesse seguimento, um grupo étnico ou cultural é tomado como referência, declarando as culturas diferentes “subalternas”.

Portanto, conforme aponta Franca et al (2013), o contato entre portugueses e indígenas, naquele período, foi permeado pela curiosidade e o estranhamento. O que

evidenciou-se nos apontamentos de Ribeiro (1995). A relação entre esses dois povos a partir desse ponto é marcada por extrema violência.

Destarte, as autoras reforçam que a Literatura Indígena poderá contribuir de forma significativa, com o intuito de manter viva a memória da violência e para a preservação e conservação das línguas e culturas indígenas, pois segundo elas, as autoras, esse movimento dos escritores (as) indígenas vem ampliando a possibilidade de transmissão, conhecimento e interação social e política entre os povos indígenas e a “sociedade nacional”.

Franca et al (2013), reiteram que a Literatura Indígena deve ser compreendida como um documento capaz de mostrar a visão de mundo de um determinado povo, seus hábitos, seus costumes etc. Assim, a Literatura Indígena é capaz de mostrar para o mundo a relevância que esse povo atribui a sua cultura, aos seus modos de vida e por fim, o valor que possuem enquanto povo. As autoras concluem enfatizando que o Brasil, por seu processo histórico, deve valorizar as nuances de sua cultura nacional, reconhecendo o devido valor da produção literária indígena. (Franca et al, 2013).

Os povos indígenas, que por muitos anos viveram em situação de desvantagem social, possuem ferramentas para reescrever a história do Brasil, a partir da história de seu povo. Observa-se, assim, que estudar as formas de representação utilizadas por esses escritores (as) indígenas é uma maneira de garantir a preservação da memória desses povos, ao facilitar e beneficiar o acesso à informação.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, há no território nacional cerca de 305 povos indígenas que falam cerca de 274 línguas e ocupam em torno de 12 a 13% desse território, (Censo, 2010). Essa população encontra-se concentrada na região Norte, seguida da região Nordeste, Centro-Oeste e Sul. Em termos de porcentagem o censo aponta que 38% vivem na região Norte, 26% na região Nordeste, 16% na região Centro-Oeste e 9% na região Sul.

O cenário de violência ao qual os povos indígenas estão inseridos, como já mencionado nesta pesquisa, leva muitos indígenas a migrarem para os grandes centros urbanos, o que os coloca em situações marginalizadas e precarizadas e que os leva a

negar suas identidades, devido a opressão a que são expostos. Esse movimento migratório se intensificou na década de 1960 e de forma bem organizada surge às primeiras tentativas do movimento indígena em busca de segurança física e cultural para todos os povos indígenas do Brasil.

Lima (2016) evidencia que o movimento indígena ganhou fôlego a partir da década de 1980, aliados a igreja, organizações não governamentais e Universidades, obtendo conquistas significativas com a constituição de 1988, marco na luta dos povos indígenas do Brasil. Foi na conferência de 1987 que, Ailton Krenak, pintou o rosto de preto com a tinta do jenipapo e discursou enfatizando que “como seres humanos que dormem em barracas podem ser considerados uma ameaça ao desenvolvimento da nação?”. Assim, a cultura indígena e territórios foram asseverados nessa constituição. No entanto, no atual contexto político, todos os direitos conquistados em 1988 estão ameaçados, pois o atual governo, desde a campanha, deixa clara a intencionalidade de “reintegrar” os sujeitos indígenas a sociedade envolvente e “entregar” às terras desses povos para o poder econômico. (CIMI, 2019).

O poder da escrita poética feminina: a literatura de Eliane Potiguara e Julie Dorrico

A escritora indígena Eliane Potiguara nasceu no Rio de Janeiro e recebeu o legado de sua avó, mãe e tias e dessa forma assumiu sua identidade indígena, podendo assim, partilhar de duas realidades culturais distintas. A sua poética dá voz aos povos indígenas, pois se reconhece desterritorializada e luta pelos direitos que lhes foi expropriados. Em sua obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), Potiguara destaca esse processo de violência e racismo que provocou a migração dos povos indígenas de suas áreas tradicionais e aponta que tal processo merece ser estudado.

Potiguara (2004) salienta que as situações vivenciadas pelos povos indígenas do Brasil não têm visibilidade, assim como a situação das mulheres indígenas que sofrem abuso, assédio, violência sexual, que se tornam objeto de tráfico nas mãos

daqueles que a autora chama de avarentos e degradados nacionais e internacionais e tais violências contra as mulheres indígenas, se quer, é mencionada ou divulgada nos meios de comunicação. É essa a pauta levantada pela autora.

Observa-se, assim, que a poética de Eliane Potiguara é, praticamente, um grito poético por justiça, por reconhecimento e valor para seu povo. A produção literária de Eliane Potiguara é composta pelas seguintes obras: *A Terra é a Mãe do Índio* (1989), *Akajutibiró: terra do índio potiguara* (1994), *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), *Sol do Pensamento* (2005), *O coco que Guardava a Noite* (2012), *O Pássaro Encantado* (2015) e *A Cura da Terra* (2015). Atualmente, a autora revelou que está trabalhando em dois livros, um de poemas e outro de contos e crônicas. Entre suas obras, deve-se destacar *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), a qual é considerada o "carro-chefe" de sua produção literária, pois segundo Costa (2020), a obra é um monumento à transgressão estética e literária, de difícil categorização diante da mescla de diferentes gêneros literários. Sendo alvo de estudos acadêmicos.

Costa (2020) enfatiza que a palavra poética é arma de luta empunhada pela guerreira Potiguara para a transformação do mundo, visando eliminar as injustiças e promover a união e a paz entre todos os povos. Na terceira edição da obra a apresentação é feita por Ailton Krenak, líder indígena, que descreve Eliane como uma "guerreira questionadora do entrelugar ocupado pelo indígena errante na sociedade pós-colonial". Nessa edição Julie Dorrico, nos outros escritos, destaca que a identidade literária de Eliane Potiguara denota e conota a ancestralidade e resistência política. Pode-se observar a força poética de Eliane Potiguara no Poema abaixo, intitulado Brasil. (POTIGUARA, 2004 p. 32)

Brasil

Que faço com minha cara de índia?

E meus cabelos

E minhas rugas

E minha história

E meus segredos?

Que faço com minha cara de índia?

E meus espíritos

E minha força

E meu tupã

E meus círculos?

Que faço com minha cara de índia?

E meu toré

E meu sagrado

E meus "caboclos"

E minha Terra?

Que faço com minha cara de índia?

E meu sangue

E minha consciência

E minha luta

E nossos filhos?

Brasil, o que faço com minha cara de índia?

Não sou violência

Ou estupro

Eu sou história

Eu sou cunhã

Barriga brasileira

Ventre sagrado

Povo brasileiro.

Ventre que gerou

O povo brasileiro.

Hoje está só...

A barriga da mãe fecunda
E os cânticos que outrora cantavam
Hoje são gritos de guerra
Contra o massacre imundo.

No texto, é possível sentir o grito poético da autora, a angústia, o sofrimento, o choro, a dor, a revolta, a indignação e o desespero das mulheres e homens indígenas desaldeados (as), desterritorializados (as) e as feridas emocionais provocadas por séculos de violência e massacre. Ou seja, a luta de Eliane Potiguara constitui ato eminentemente político. Costa (2020) reitera que, assim como a escrita de intelectuais negras, publicar, para Potiguara é um ato político. Nessa perspectiva, a literatura antecipa acontecimentos históricos e políticos.

Costa (2020), ao estudar a obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), enfatiza que Potiguara aborda a questão da diáspora indígena, do ponto de vista coletivo e individual, a partir da experiência de sua família. A autora ressalta que na respectiva obra Potiguara traz uma narrativa poética entremeada por relatos, artigos e ensaios a respeito dos povos indígenas, sua luta pela sobrevivência ao longo da história do Brasil. A autora reforça que, além da questão estrutural e poética, a obra tem um caráter pessoal, isto é, a escrita da autora indígena foca na luta das mulheres e dos povos indígenas, na saga poética do casal Cunhataí e Jurupiranga, no sofrimento e na solidão das mulheres e na violência praticada contra as comunidades indígenas. A obra, conforme Costa (2020), revela uma escrita de ruptura, em que o feminino se estabelece como resistência, tanto na temática quanto na materialização do texto literário.

Eliane Potiguara oferece-nos uma literatura combativa, complexa e visionária calcada em uma cosmovisão étnica. É um texto que condensa a complexidade de uma narradora atravessada pelas múltiplas identidades e pelos conflitos violentos diante de uma realidade brutal, materializada no cotidiano de lutas travadas pelo Movimento Indígena. Destaca-se a Terra, a Mulher e a Identidade como os temas centrais da obra de Eliane Potiguara.

A literatura de Julie Dorrico segue o mesmo caminho, pois a autora revela, em fala para o TED x Talks, no dia 02 de outubro de 2019, que foi influenciada por autores(as) como Eliane Potiguara, Daniel Munduruku e KakaWerá, pois se descobriu indígena, ou seja, é uma indígena descendente. Dorrico, conta que hoje se apresenta com muito orgulho de sua identidade indígena, mas reitera que nem sempre foi assim e que foi através da literatura indígena que se descobriu macuxi e hoje se apresenta com muito orgulho. Ou seja, observa-se a força dessa literatura no resgate da identidade indígena.

Ao relatar sua experiência em se descobrir indígena, na sua obra *Eu sou macuxi e outras histórias* (2019) a autora revela que percebeu que havia muito mais do que os adjetivos ruins e estereótipos lançados sobre os povos indígenas e repetidos à exaustão em livros didáticos, romances, teatros, museus e etc. Assim, Dorrico aponta que descobriu novos mundos, mundos que não lhe contavam. “O mundo dos avôs e das avós, o mundo das histórias antigas e sagradas, o mundo das rodas de fogueira, dos humanos e não humanos, das ervas medicinais e aos poucos foi criando consciência que era apenas filha dessa mãe Terra”.

A autora relata de forma poética a invasão europeia às terras indígenas com o processo de colonização, enfatizando que, quando o colonizador europeu chegou nas terras do Brasil ele não sabia mais sonhar e por isso os corpos indígenas sentiram o peso do chumbo, a dor das armas biológicas, como a gripe, a varíola e a sífilis. O ventre das mulheres indígenas foram duramente violados e todos, homens e mulheres, sentiram a catequese atravessar suas almas como uma flecha envenenada, matando seus ritos, cantos e tradições, porém, resistiram.

A autora critica a forma como a história oficial retrata os sujeitos indígenas, pois são expostos como preguiçosos, vistos como o "bom selvagem", no entanto, a história oficial, praticamente, não relata como esses povos foram brutalmente explorados nas coletas das drogas do sertão e de tão explorados muitos morriam, para sobreviver era preciso fugir para as matas e lutar por suas vidas. Dorrico critica também, a chamada literatura indianista, isto é, a literatura feita sobre os indígenas por corpos não indígenas. A autora expõe que, o indígena retratado nessa literatura é aquele

indígena já exterminado ou considerado assimilado e que o indígena "selvagem irracional" é aquele que luta por sua vida e seus territórios.

Outro ponto destacado pela autora é a luta dos povos indígenas contra a figura histórica de seres do passado, pois, desde o império até a década de 1970, as políticas indigenistas acreditavam que os sujeitos indígenas eram primitivos e que aos poucos evoluiriam e seriam integrados à sociedade envolvente e, portanto, seriam considerados brasileiros. Entretanto, Dorrico (2019) reforça a força da ancestralidade e da identidade indígena, ou seja, mesmo os povos indígenas compartilhando dos hábitos da sociedade não indígena, eles não se esquecem de onde vieram, quem são e para onde pretendem ir.

E por fim, Dorrico (2019), aponta que os povos indígenas lutam contra a figura de povos agrafos, ou seja, povos sem literatura. Porém, ressalta que não há relatos sobre o fato de os povos indígenas serem tradicionalmente estéticos, pois, segundo a autora, eles (as) cantam, dançam, pintam, esculpem e contam muitas histórias e assim ironiza: "O que é a literatura se não uma boa história contada? Desse modo, a autora explica que a literatura indígena é anterior à escrita alfabética. Mas devido a tantos equívocos contados e repetidos, os sujeitos indígenas resolveram adotar à escrita alfabética, publicar seus livros autorais e contar suas vivências a partir de suas próprias perspectivas.

Assim, a literatura produzida pelos povos indígenas passa a estar presentes em estantes virtuais, livrarias, bibliotecas de escolas e, portanto, começa a estabelecer um diálogo com a sociedade envolvente. Desse modo, as autoras Eliane Potiguara e Julie Dorrico atuam ativamente na divulgação da literatura indígena brasileira contemporânea, reforçando através das suas poéticas a urgência em criarmos uma nova lógica mundial.

Considerações finais

Após leituras, pesquisas, estudos, análises e reflexões realizadas sobre a temática Literatura Indígena com objetivo de compreender o movimento dos escritores (as) indígenas. Contudo é necessário então, apontar os resultados alcançados nesta pesquisa.

Na revisão da literatura realizada, observa-se que a temática ainda é pouco abordada, o que torna extremamente necessário prosseguir nesta temática em outros momentos. A pouca produção confirma todo o processo histórico de dizimação física e silenciamento cultural vivenciado pelos povos indígenas. Assim, a Literatura Indígena e seus autores (as) procuram usar da caneta para divulgar sua cultura, para lutar pelas suas causas, para se autoafirmar como grupo e principalmente para ser resistência.

Portanto, espera-se que esse trabalho tenha evidenciado a importância da valorização da cultura indígena, bem como a relevância do desenvolvimento de estudos que evidencie. Destaca-se, ainda, que o surgimento da Literatura Indígena é recente em um panorama nacional. Emerge em meados da década de 1980, no entanto, vem se expandindo e mais escritores (as) indígenas surgindo. O que evidencia não só a força criativa destes povos, mas também suas habilidades de se apropriar de elementos culturalmente característicos de outros grupos, para benefício próprio. Portanto, o benefício direto que se faz referência é a utilização da linguagem escrita, como meio de comunicação com a parcela da sociedade não indígena.

Segundo o escritor indígena Olívio Jekupé (2009), o uso da história oral pelos indígenas sempre foi importante, no entanto, com a escrita eles podem ser mais fortes, através dela podem registrar histórias, fazendo com que não se percam no tempo, ficarão registradas para sempre. Além disso, o autor ainda destaca que a figura do contador de história que é tão importante para a cultura indígena não deixará de existir com a escrita, apenas ganhará maior destaque, pois será uma fonte direta das narrativas que alimentarão a Literatura Indígena.

A literatura produzida por Eliane Potiguara e Julie Dorrico, assim como a de todos os autores (as) indígenas são mais uma forma que os povos indígenas do Brasil encontraram para resistir, para manter vivas suas culturas, suas tradições, seus ritos,

suas línguas. Além disso, apontam a importância de amarmos, preservarmos e respeitarmos a mãe Terra, pois é dela que recebemos a vida e a capacidade de viver.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês de. *Desocidentada: experiência literária em terra indígena*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CARVALHO, J.C.P. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e pre-conceito no universo das organizações educativas. *Interface*, v.1, n.1, p.181-186, 1997. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista1/debates2.pdf>>. Acesso em: 17/08/2020.

CHAVEIRO, Eguimar. Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Geograficidade*, v. 5, n. 1, 2015.

COSTA. Heliene. Rosa. da. *Identidades e Ancestralidades das Mulheres Indígenas na Poética de Eliane Potiguara*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2020.

DORRICO, Julie. *Eu sou macuxi e outras histórias*. Belo Horizonte: Caos e Letras, 2019.

FRANCA, Aline, Silveira, Naira Christofolletti, A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. *Transinformação* [online] 2014, 26 (Abril-Sinmes): [Fecha de consulta: 17 de fevereiro de 2019] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.Oa?Id=384334898007>> ISSN 0103-3786

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista da ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, nº 53, São Paulo: Unesp, março/maio 2002. P. 166-182.

GRAÚNA, Maria das Graças Ferreira. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.

JECUPÉ, KakaWerá. *Oré Até roiru'ama - todas as vezes que dissemos adeus*. São Paulo: Fundação Phytoervas, 2002.

JEKUPÉ, Olívio. *Literatura escrita pelos povos indígenas*. São Paulo: Scortecci, 2009.

LIMA, Sélvia Carneiro de. *Escritores indígenas e produção literária no Brasil: sujeitos em movimento*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2016.

LIMA, Angelita Pereira de. *Romancidade: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A centopeia de neon e Os cordeiros do abismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de índio*. Companhias das Letrinhas, 1996.

MUNDURUKU, Daniel. *Sabedoria das Águas*. Global Editora, 2004.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global Editora, 2004.

POTIGUARA, Eliane. *A cura da Terra*. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. *A terra é a mãe do índio*. Grupo Mulher-Educação Indígena, 1989.

POTIGUARA, Eliane. *Akajutibiró: terra do índio potiguara*. Rio de Janeiro: GRUMIN, 1994.

POTIGUARA, Eliane. *Sol do Pensamento*. Ebook, 2015.

POTIGUARA, Eliane. *O coco que guardava a noite*. Mundo Mirim, 2012.

POTIGUARA, Eliane. *O Pássaro Encantado*. Jujuba Editora, 2015.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Damiana Pereira de Sousa

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo), do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestra em Geografia também pela Universidade Federal de Goiás.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7307-5845>

Artigo recebido em 03/11/2021 e aceito em 11/11/2021